

Comunicação para a diversidade: o discurso de acesso à informação para pessoas surdas¹

Gioandro Marcus FERREIRA ²

Juliana Linhares Brant REIS³

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o discurso de acesso à informação em páginas do Facebook criadas por e para pessoas surdas. A partir das técnicas de análise de conteúdo e da análise do discurso, foi feito um levantamento do tema na plataforma social e observou-se que apenas duas páginas desse perfil debatem o assunto. São elas: "Desculpe, não ouvi" e "Crônicas da Surdez". Entendendo o Facebook como meio de acesso à informação e socialibilidade, como os surdos se apropriam desse ambiente midiático? O tema foi encontrado sob os discursos de diversidade e acessibilidade, que reforçam a importância de uma democratização da comunicação, tanto em relação a um discurso acessível, quanto na representatividade que deve ser contemplada pelos meios de comunicação, ao dar voz a quem normalmente não é ouvido.

Palavras-chave: mediação; direito à comunicação; surdos; acessibilidade; diversidade.

Da exclusão à apropriação do direito à comunicação

Diante da relevância da mediação na construção da cidadania, como as novas possibilidades de acesso contribuem ou podem contribuir com a socialização dos surdos e com a acessibilidade à comunicação e informação? Como os surdos têm se apropriado do software social Facebook e quais as características das páginas criadas por e para pessoas surdas? Quem são os líderes de opinião nessa plataforma e como seus discursos são construídos? Estas são algumas questões que motivaram o desenvolvimento deste

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor orientador da pesquisa. Doutor em Ciências da Informação (Media), professor na Faculdade de Comunicação da UFBA e coordenador do Centro de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia (CEPAD), e-mail: gioandro.ferreira@gmail.com

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA, e-mail: julianalinharesb@gmail.com. Bolsista FAPESB.

artigo, que tem como objetivo analisar o discurso de acesso à informação nas páginas do Facebook "Desculpe, não ouvi" e "Crônicas da Surdez".

Direito à comunicação diz respeito ao acesso e à possibilidade de expressar suas opiniões e demandas, realizando assim o pleno exercício da cidadania. Deve garantir a oportunidade de apropriação dos meios de comunicação e das tecnologias, tanto de um lado como emissor ou receptor, como de outro lado como enunciador⁴ ou co-enunciador. De acordo com Peruzzo (2007), direito à comunicação diz respeito ao acesso à informação e ao direito à liberdade de expressar suas opiniões, demandas e identidades. Neste sentido, democracia no poder de comunicar é condição para o exercício da cidadania em sua dimensão social que, por sua vez, se relaciona ainda com as lutas pela democratização econômica e política.

Ao se falar em democracia, em igualdade de direitos, a acessibilidade e a inclusão se apresentam como grandes temas da sociedade contemporânea. A diversidade do assunto demanda atenção e desafia a sociedade sobre como lidar e o que fazer para incluir uma população que se mantém distanciada do gradiente de poder.

Historicamente as pessoas com deficiência no Brasil e no mundo foram (e muitas vezes ainda são) estigmatizadas como inferiores e incapazes, chegando a ser escondidas do meio social, o que interfere no acesso à educação e ao conhecimento, nas relações interpessoais, gera a exclusão ou marginalização e prejudica a construção de suas identidades, culturas e o desenvolvimento do *self* (MAYER, 2018).

Com a midiaticização da sociedade, Thompson (2011) destaca o impacto das experiências mediadas no processo de formação do *self*. Para o autor, *self* é um projeto simbólico, construído ativamente pelos indivíduos e sofre influência dos meios de comunicação, na medida em que as interações entre as pessoas passaram a ser sobretudo mediadas. A partir dos materiais simbólicos a que tem acesso, o indivíduo vai construindo relações e formando sua identidade, que pode ser redefinida ao longo do tempo.

Os meios de comunicação, como principais fontes de acesso à informação e ao conhecimento de mundo, que muito contribuem com a formação de identidades, não mostram ainda preocupação em atender às demandas da população com deficiência,

⁴ Para Verón (2004), o leitor se encontra em um jogo de linguagem que serve para construir uma relação, fruto do dispositivo de enunciação, o que implica a construção do lugar de fala do enunciador, do lugar a quem é endereçado o discurso (Co-Enunciador) e um tipo de relação entre esses dois sujeitos discursivos.

uma vez que não investem em representatividade e em tecnologias assistivas na produção e distribuição de conteúdo.

O acesso aos direitos sociais se apresenta como um problema acadêmico, político e social, e deve ser discutido por diferentes áreas do conhecimento a fim de encontrar soluções que promovam o exercício da cidadania, sobretudo para aquela população que se encontra à margem desse processo democrático. Essa questão se agrava para as pessoas surdas, uma vez que a transmissão de informação, hegemonicamente, é pensada para o público ouvinte. A variedade e a disponibilidade de recursos tecnológicos não garantem a transmissão de conteúdo de forma precisa para todos os indivíduos. A comunidade surda é um grupo social encontrado nesse universo que enfrenta barreiras no acesso à informação, comunicação e ainda ao conhecimento.

De acordo com dados do IBGE de 2020, mais de 10 milhões de pessoas no Brasil apresentam algum grau de perda auditiva, o que equivale a cerca de 5% da população brasileira. Dentre essas, 2,7 milhões têm 100% da audição comprometida. As comunidades surdas representam uma parcela da população que precisa de recursos de acessibilidade para que a comunicação seja efetiva. No país, existem leis que amparam os surdos na garantia dessa acessibilidade. No entanto, o não cumprimento daquelas diretrizes contribui com a invisibilidade social desses sujeitos e impede o acesso à informação, que é uma condição para a cidadania.

Mas, afinal, o que significa ser acessível? O Decreto nº 5.296/04 que regulamenta a Lei nº 10.098/00, traz em seu artigo 8º a seguinte definição para acessibilidade: “condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, [...] dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida”. O mesmo artigo classifica como barreira “qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça as pessoas de se comunicarem ou terem acesso à informação”. Percebe-se, assim, a importância dos meios de comunicação como facilitadores fundamentais na redução das barreiras e como mediadores para o acesso a direitos sociais, sobretudo com o avanço das tecnologias.

No entanto, mesmo diante de leis que garantem a isonomia no acesso à informação, os meios de comunicação ainda não se adequaram à essa realidade. A partir da falta de acessibilidade na programação televisiva e do distanciamento das instituições de mídia com as comunidades surdas, esses sujeitos encontram nas redes sociais uma

possibilidade de se apropriar das tecnologias, de ter acesso à informação e de ser ouvido.

A sociedade está cada vez mais envolvida pelos e nos processos comunicacionais, principalmente pela internet, tecnologia que tem promovido novas possibilidades de acesso e modificado a maneira de produzir conteúdo. Com o avanço das tecnologias, as sociedades se tornam midiáticas, o que transforma suas práticas sociais com implicações no uso das tecnologias. A apropriação cada vez maior dos meios digitais contribui com mudanças nas formas de consumir comunicação, nos padrões socioculturais, na socialização, nos vínculos afetivos, envolvendo novas formas de apreender o mundo (HJARVARD, 2014; LUNDBY, 2014). Mas até onde vão essas mudanças? Se são as tecnologias que constituem os processos de mediação, quem está à margem do acesso às tecnologias, se encontra cada vez mais excluído da sociedade e de seus direitos de cidadania. Portanto, é importante entender como a experiência mediada atua no cotidiano dos indivíduos e encontrar formas de construir uma comunicação mais democrática.

O desenvolvimento das ferramentas de comunicação fomentou o acesso à internet e a softwares sociais como o Facebook, promovendo transformações nas condições de produção, circulação e recepção. Os sujeitos se tornam agentes ativos no processo comunicacional em um ambiente em que é possível produzir conteúdo, constituir comunidades virtuais, manifestar suas demandas e cobrar por seus direitos, na tentativa de exercer sua cidadania. As mudanças do polo de emissão, que passa a ser dinâmico e apresenta uma linha tênue entre emissor e receptor, facilita os processos de interação e proporciona uma maior possibilidade de reduzir a hierarquização do discurso. Esta é uma importante contribuição da internet à democratização da comunicação (GOMES; SANTOS, 2012).

Para Tarcízio Silva (2022), interação, compartilhamento e troca são gramáticas das redes digitais que influenciam a dinâmica social, com implicações no acesso ao conhecimento. É uma oportunidade de aumentar o acesso do cidadão ao poder de comunicar. Neste sentido, é possível perceber características nas mídias sociais que se aproximam de como Peruzzo (2007) descreve uma comunicação comunitária, como a participação ativa, horizontal e democrática dos cidadãos; no sentimento de pertencimento a um grupo; na co-responsabilidade pelos conteúdos produzidos e compartilhados; na identificação com a cultura e interesses de uma determinada

comunidade; no poder de contribuir para a democratização do conhecimento e da cultura. É possível observar a apropriação pelos surdos dos ambientes virtuais que antes não haviam sido pensados para eles. Ao se apropriar desses espaços, o cibercidadão tem a oportunidade de fazer ouvir sua voz e lutar por suas demandas.

Materiais e métodos

Entendendo o software social Facebook como meio de acesso à informação e socialibilidade, este artigo tem o objetivo de analisar o discurso de acesso à informação em duas páginas do Facebook, além de compreender o comportamento dos surdos nesse ambiente midiático.

De acordo com Recuero (2017), um estudo de análise de redes é um método que possibilita a compreensão de como uma informação circula em um determinado grupo e quais os ativistas ou atores sociais mais influentes para que essa informação circule. É possível identificar também como a plataforma de interação contribui com a difusão de informação, quais as estratégias utilizadas para a construção do discurso nessa estrutura e identificar ainda quais sujeitos se destacam dentro dos grupos.

Com base nas considerações de Recuero, este estudo procura analisar como o discurso de acesso à informação aparece em páginas do Facebook que são destinadas para pessoas surdas e para famílias de pessoas surdas. Quais os termos frequentes nos posts e nos comentários; e em que contexto aparecem? Como os surdos se apropriam dessa rede social?

A partir de um levantamento na mídia social para encontrar páginas com esse perfil, foram encontradas “Libras Avante”, “INES”, “TV INES”, “Comunidade Surda”, “Legenda para quem não ouve, mas se emociona”, “Desculpe não ouvi” e “Crônicas da Surdez”. No entanto, nas cinco primeiras não foram encontrados posts referentes à temática do acesso à informação ou representatividade. Por isso as páginas selecionadas foram “Desculpe não ouvi” e “Crônicas da Surdez”, que possuem engajamento relevante no Facebook, têm a participação de diferentes perfis de pessoas com deficiência auditiva e abordam com frequência o fenômeno aqui estudado.

A metodologia deve colaborar com a compreensão sobre como os surdos se apropriam do ciberespaço, interagem uns com os outros e se utilizam daquele ambiente para expressar suas opiniões. Todo discurso é composto por elementos discursivos organizados intencionalmente por um enunciador e, portanto, é constituído de poder, de

escolhas sobre o que deve ou não ser narrado, como, onde e para quem. Cada plataforma também atrai diferentes comunidades, o que impacta no enunciado e na enunciação do discurso (CARDON, 2019). Neste sentido, o que é dito e o que não é dito por eles naqueles ambientes, em relação ao acesso à informação?

Para o desenvolvimento da metodologia, no primeiro momento foi feito o levantamento das páginas a serem analisadas. A escolha por elas se deu a partir do acompanhamento diário nos meses de abril a junho de 2022, considerando um arco temporal aleatório, a fim de encontrar o debate sobre acesso à informação. Definidas as páginas “Crônicas da Surdez” e “Desculpe, não ouvi”, foram selecionados para análise os posts que tratam do tema. A partir desse filtro, foi feita uma análise de conteúdo de acordo com Bardin (2011), identificando os temas centrais e os termos frequentes, com o objetivo de conhecer como o assunto aparece nos posts. Tudo isso contribuiu para a etapa da análise do discurso, que tem como aporte teórico Eliseo Verón, apropriando-se de alguns de seus conceitos como os dispositivos de enunciação e as gramáticas de produção, circulação e reconhecimento. Foram analisados, então, os discursos sobre acesso à informação, a fim de compreender os modos de dizer que, para o autor, são tão importantes quanto o que é dito.

Sobre as páginas

A página "Desculpe, não ouvi" tem 10 mil seguidores e é administrada por Lak Lobato. Na descrição da página, diz que "Desculpe, Não Ouvi!" é um blog e um livro voltados para informações sobre deficiência auditiva. Lak Lobato é carioca, criada em São Paulo e formada em Comunicação Social. É surda oralizada desde os 10 anos e usuária do implante coclear bilateral depois de mais de duas décadas de silêncio. Lak Lobato é autora de outros livros também sobre surdez para adultos e crianças, então seus posts falam muito de representatividade. Seus seguidores também trazem essa reflexão. Sua personagem infantil é a Lalá e um de seus livros é “Lalá é assim, diferente igual a mim”.

A página "Crônicas da Surdez" tem 75 mil seguidores e é administrada por Paula Pfeifer, idealizadora também do projeto Surdos que Ouvem e autora dos livros “Crônicas da Surdez: Aparelhos Auditivos”, “Novas Crônicas da Surdez: Implante Coclear” e “Saia do Armário da Surdez”. A descrição da página diz: “Tudo sobre

surdez, implante coclear e aparelhos auditivos.” Ela também é surda oralizada e usuária de implante coclear.

O tema do acesso à informação aparece em posts que falam de diversidade; representatividade; direito à acessibilidade; as diferenças entre os termos; as formas de se comunicar; crítica a alguma notícia na mídia sobre PCD; capacitismo. Na página da Lak Lobato, “Desculpe não ouvi”, foram encontrados 14 posts que abordam de alguma forma o tema pesquisado. Na página “Crônicas da Surdez” foram encontrados 5 posts sobre o assunto, nos meses de abril, maio e junho.

A seguir apresentamos os temas centrais, termos frequentes e o número de vezes que cada termo é repetido na página “Desculpe não ouvi”:

Tabela 1. Temas centrais e termos frequentes da página Desculpe, não ouvi

Temas centrais	Termos frequentes	Frequência da repetição
Diversidade	Diversidade	7
	Representatividade	3
	Implante coclear/aparelhos auditivos	8
	Deficiência	3
	Deficiência auditiva	6
	Perda auditiva	2
Subtemas da diversidade: Formas de se comunicar	Libras	2
	Surdos oralizados	3
	Leitura labial	2
Acessibilidade	Acessibilidade	5
	Legenda	3
	Libras	2

Fonte: os autores

O tema da diversidade ganha destaque, sobretudo em relação à diversidade surda. Lak Lobato apresenta o assunto em diferentes posts para reforçar que é importante conhecer e respeitar a diversidade surda, que contempla formas diferentes de se comunicar; níveis de perda auditiva; perfis diferentes de pessoas como aquelas que

têm implante coclear ou usam aparelhos auditivos, outras que têm o domínio da Libras e as que fazem uso da leitura labial; culturas e realidades distintas; representatividade no discurso, em livros, em programas de televisão e desenho animado, etc.

A acessibilidade também é um tema central em sua página, e a autora destaca a necessidade de atender àquela diversidade, com a inserção de legenda e janela de Libras em toda programação audiovisual e demais conteúdos de mídia, em palestras e aulas.

Como Lak Lobato é escritora de livros infantis e criou uma personagem que usa implante coclear, é comum seus posts trazerem a Lalá, que representa muitas outras crianças. Neste sentido, cabe destacar um desses posts, em que ela explica que vai encerrar as atividades como “vendedora de livros” e fala da importância da Lalá para ela e para outras crianças, pela questão da representatividade. O post teve 117 curtidas, 16 comentários e dois compartilhamentos. Um desses comentários foi da mãe de uma criança que tem implante coclear. Ela diz:

Seus livros são super importantes. Joana⁵ adora e super se identifica. Além disso, já dei vários exemplares a crianças ouvintes que convivem com Joana. Um fato me chamou a atenção: uma criança viu a luz do IC piscando e por curiosidade foi tocar. A mãe da criança na hora lembrou da historinha da Lalá e lembrou ao filho. A criança logo entendeu. Achei fantástico.

Em resposta, Lobato pergunta se pode “printar” o comentário e então compartilha a fala, junto com a legenda:

Certa vez, há muitos anos, alguém me disse “acho tão ridículo criar personagens com deficiência. Pra quê uma criança precisa saber sobre esse assunto médico?” Porque não existe criança que não viva em sociedade e o preparo, desde a infância, para lidar com a diversidade, transforma a sociedade num lugar que respeita as diferenças. Criança não tem preconceitos. Elas reproduzem o que aprendem. Basta ensiná-las sobre respeito, que o respeito vira parte da realidade. #diversidade #inclusão.

Desta vez, o post teve 66 reações, oito comentários e cinco compartilhamentos, mostrando que o discurso no Facebook se reconfigura, ganha outra narrativa e segue em circulação.

A pauta da representatividade tem sido cada vez mais cobrada pela sociedade, sobretudo através das mídias sociais. Ao se sentir representado ou participar de práticas sociais voltadas para o seu grupo, o indivíduo tem a oportunidade de vivenciar um

⁵ O nome da criança foi substituído aqui por Joana, para resguardar o anonimato da autora da fala e de sua filha.

processo de socialização e educação, que contribui para a valorização da sua cultura e formação da cidadania (QUEIROZ et al., 2010).

Para Chartier (1990, p. 17), “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio”. A comunicação é responsável pela criação de representações que podem operar tanto na construção de identidades que fortaleçam a autonomia e o desenvolvimento humano, conectados com a promoção de direitos, quanto no silenciamento sociocultural.

Lak Lobato costuma também criar charges e produzir vídeos para postar. Esses vídeos têm legenda e muitas vezes são narrados por ela. A exemplo, um vídeo foi produzido para ressaltar a importância da legenda em toda programação. A legenda diz: “Desenhos e animações precisam de opção com legenda SEMPRE, independentemente de ser no cinema, TV ou serviço de streaming. Não é porque “criança não sabe ler” que não seja fundamental opção legendada”. Este post oferece também a legenda “para cego ver”. Com 25 reações, cinco comentários e 12 compartilhamentos, um dos comentários foi: “legenda pra mim é vida”.

Sobre a página “Crônicas da Surdez”

Paula Pfeifer apresenta informações sobre implante coclear e aparelhos auditivos; traz textos e histórias bem humoradas sobre surdez; além de informações úteis para pessoas surdas, como alguns direitos e serviços oferecidos pelo SUS. O tema do acesso à informação aparece em cinco posts, a partir dos temas centrais “diversidade” e “acessibilidade”. Para isso, ela fala da diversidade surda, ressaltando também que é fundamental entender e respeitar as diferenças, que incluem as escolhas das pessoas em relação às formas de se comunicar e na utilização ou não de tecnologias auditivas. Pfeifer mostra também dados oficiais sobre surdez, como a quantidade de surdos no Brasil e no mundo e os níveis de surdez; alguns posts falam de legislação e outros apresentam dicas de como se comunicar com surdos para facilitar a comunicação, além de contar também algumas dificuldades que os surdos passam por falhas na comunicação. Os posts normalmente são criados com legenda e acompanhados de artes coloridas, com fontes de tamanhos diferentes, que chamam a atenção. Os textos são didáticos, percebe-se que há um cuidado para transmitir a

informação para o maior número de pessoas, além de serem construídos com humor. A seguir, apresentamos a tabela com os temas centrais e termos frequentes encontrados nos posts da página “Crônicas da Surdez”.

Tabela 2. Temas centrais e termos frequentes da página Crônicas da Surdez

Temas centrais	Termos frequentes	Frequência da repetição
Diversidade	Implante coclear/aparelhos auditivos	2
	Libras	2
	Surdos	5
	Deficiência auditiva	4
Acessibilidade	Legenda	1
	Direitos	2
	Libras	3
	Acessibilidade	2

Fonte: os autores

Vale explicar que os termos se repetem em um mesmo post, da mesma forma que mais de um termo é encontrado em diferentes postagens. Percebe-se que o tema do acesso à informação nessas páginas passa pelo reconhecimento de que existe uma diversidade surda e que é preciso considerar essa diversidade na transmissão de informação e de conhecimento. Para isso é preciso criar e produzir conteúdos acessíveis para todos os públicos, ou seja: no caso das pessoas surdas, conteúdos audiovisuais devem ser produzidos com legenda e intérprete de Libras.

Pessoas com alguma deficiência são rotuladas como diferentes, desiguais daquelas consideradas “normais”. Neste contexto, a deficiência poderia ser considerada uma forma de identidade que depende dos normais, ou seja, da diferença. No entanto, a questão é mais complexa. À primeira vista, poderíamos pensar que os surdos formam uma comunidade homogênea, convergente, com interesses comuns. Mas em uma análise mais detalhada, percebe-se que há muitas diferenças dentro dessa identidade e essas diferenças devem ser compreendidas, respeitadas, valorizadas.

Contextualizando brevemente, em 1880 o oralismo foi oficialmente adotado no Congresso de Milão como o método de ensino para a comunidade surda, proibindo o

uso da língua de sinais dentro e fora das escolas. A diretriz contribuiu para a decadência do acesso do surdo à educação, comprometendo sua inclusão na sociedade e o reconhecimento dessa parcela da população como sujeitos pensantes (SIQUEIRA; SILVA, 2013; GARCÊZ; MAIA, 2008). Para muitos surdos, a língua de sinais está relacionada não só à sua forma de se comunicar, mas também à educação, cultura, à construção de suas identidades e modos de vida. Por outro lado, muitos surdos são alfabetizados em português e não sentem necessidade ou vontade de conversar em Libras.

No Brasil, o INES, já existente desde 1856, luta pelos direitos dos surdos e pelo uso da Libras que, por sua vez, só foi oficialmente reconhecida como primeira língua em 2002 através da Lei nº 10.436/02. Por isso as páginas reforçam a importância da presença do intérprete, além da legenda na programação televisiva. Trata-se, portanto, de um processo complexo, que demanda atenção dos campos da educação, comunicação e política.

Nas duas páginas, alguns posts ressaltam essas diferenças e explicam que existem os surdos oralizados, os surdos que têm o domínio da Libras, os que usam perderam a audição ao longo da vida, aqueles que nasceram surdos, os que são surdos apenas de um ouvido, além dos diferentes graus de surdez. Tudo isso impacta na forma como cada um consegue ou se sente à vontade para se comunicar. Diante de inúmeros desafios e diferenças que envolvem a educação, socialização e formação profissional, a comunidade surda é diversa e é preciso atender a essa diversidade.

Um dos posts traz uma arte que diz: “Eu não uso Libras e a maioria das pessoas com deficiência auditiva também não”. No mesmo post, uma outra arte apresenta os dados oficiais que indicam a quantidade de pessoas com cinco anos ou mais que sabem usar Libras, mostrando que muitos têm dificuldade com a Língua Brasileira de Sinais. Ainda na mesma mensagem, Paula Pfeifer diz que segundo a OMS, no mundo existem 1,5 bilhão de pessoas com algum grau de surdez, sendo que desses, 30 milhões têm surdez severa e talvez sejam essas pessoas que têm a Libras como primeira língua. Este post teve 172 reações, 17 comentários e 58 compartilhamentos.

Pfeifer compartilhou também um vídeo em que ela é garota propaganda de um SAC acessível para todas as pessoas surdas e mostra como a ferramenta funciona no celular. A intenção é que outras empresas invistam também nesse atendimento

qualificado. O post teve 116 reações, cinco comentários que parabenizam a iniciativa e 12 compartilhamentos.

Outra questão interessante abordada na página “Crônicas da Surdez” é a diferença entre os termos “surdo” e “deficiente auditivo”, que causa confusão nos discursos sobre pessoas com deficiência. Tanto na mídia quanto fora dela, é comum denominar as pessoas como “deficientes”, que é um termo errado, uma vez que a pessoa não é deficiente, apenas tem uma deficiência, que pode ser provisória ou permanente. As formas corretas são “surdo/surda” e “pessoa com deficiência”.

É importante compreender a complexidade que existe dentro da diversidade e tentar atender às demandas de acessibilidade, bem como de representatividade. Se todo discurso apresenta uma disputa entre o que se diz e o que se silencia, no enquadramento do que é narrado, na escolha das palavras e para quem elas são ditas, é fundamental reconhecer que os enunciadores precisam de uma compreensão de mundo mais próxima da realidade para a construção de um discurso democrático.

Considerações finais

Apesar de existirem leis que procuram decretar a igualdade no acesso à informação para todas as pessoas, como um direito que deve ser garantido, as indústrias de mídia ainda não se adequaram à essa demanda. Diante da dificuldade desse acesso nos veículos tradicionais, as redes sociais se apresentam como uma possibilidade de democratização da comunicação, uma vez que permite a participação ativa dos usuários, como enunciator e co-enunciator. Neste sentido, os surdos se apropriam do ciberespaço como produtores de conteúdo também para surdos, fazendo uso daquele ambiente para transmitir informação, trocar experiências, defender suas demandas, fazer ouvir suas vozes, valorizar a cultura.

A partir do levantamento no Facebook em busca do tema do acesso à informação, percebe-se que poucas páginas destinadas ao público surdo debatem o assunto. Nas páginas selecionadas, "Desculpe, não ouvi" e "Crônicas da Surdez", o tema aparece sob as perspectivas da diversidade e da representatividade, que contemplam as formas de comunicação, as diferentes realidades culturais, os graus de surdez e as próprias identidades. As administradoras dessas duas páginas, Lak Lobato e Paula Pfeifer, respectivamente, são também ativistas e escritoras, e apresentam uma linguagem didática em seus posts, criando conteúdos acessíveis, que chamam a atenção

e atendem à diversidade das pessoas surdas. Elas podem ser consideradas influenciadoras digitais desse público e assumem esse papel com responsabilidade, procurando conscientizar, sensibilizar e informar os seguidores sobre temas sociais relevantes como acessibilidade, diversidade, representatividade.

Percebe-se que o tema da diversidade é destaque nas páginas, o que reforça a necessidade de compreender a complexidade dessa comunidade e criar caminhos para que o direito à comunicação seja exercido por todos. Neste sentido, a área acadêmica e da comunicação devem se atentar a essa demanda, procurando caminhos para uma formação e uma comunicação para a diversidade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 72, 2011.

BRASIL. **Decreto nº 5.296/04**. Atendimento prioritário às pessoas com necessidades especiais e estabelece normas para a promoção da acessibilidade Brasília, DF, dezembro de 2004.

CARDON, Dominique. **Culture Numérique**. Paris: Presses de Sciences Po, 2019.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990.

FERREIRA, Giovandro Marcus; ANDRADE, Ivanise Hilbig de. **Percurso da reflexão sobre a mediação nos estudos de Eliseo Verón**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro-RJ – 4 a 7/9/2015. V Colóquio Brasil-Argentina de Ciências da Comunicação.

GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira. MAIA, Rousiley Celi Moreira. **O valor político dos testemunhos: os surdos e a luta por reconhecimento na internet**. Dissertação. Mestrado – UFMG. Belo Horizonte, 2008.

GOMES, Rachel Colacique; SANTOS, Edméa. **Ciberativismo surdo: em defesa da educação bilíngue**. Revista Teias v. 13, n.º. 30. p. 143-166, set./dez. 2012.

HJARVARD, Stig. **A mediação da cultura e da sociedade**. São Leopoldo. Ed. UNISINOS. 2014.

LEMONS, André. Prefácio. In: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. **Inclusão digital: polêmica contemporânea**. Salvador: Edufba, 2011. p. 15-20.

LUNDBY, Knut. **Mediatization of Communication**. Handbooks of Communication Science. De Gruyter Mouton. Edited by Peter J. Schulz and Paul Copley. Vol. 21. Germany, 737 p., 2014.

MAYER, Flávia Affonso. **A importância das coisas que não existem:** construção e referenciação de conceitos de cor por pessoas com cegueira congênita. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania.** Lumina. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF ISSN 1981-4070. Vol.1, nº 1, Junho 2007.

QUEIROZ, Caio Cardoso de; REZENDE, Diego Pereira; COUTINHO, Iluska Maria da Silva. **Telejornalismo da TV Brasil: problematizações sobre o discurso da cidadania.** 8 Encontro Regional de Comunicação: Comunicação e Interatividade. 18 a 23 de outubro de 2010. Juiz de Fora.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais** / Raquel Recuero. – Salvador: EDUFBA, 2017. 80p.

SILVA, Tarcízio. **Racismo Algorítmico:** inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. Sérgio Amadeu da Silveira (org.). Edições Sesc, 208 p., 2022.

SIQUEIRA, Ana Clara Baptistella; SILVA, Clarisa de Paula. **Dar voz a quem não é ouvido:** Barreiras enfrentadas pelo surdo no acesso à informação televisiva. 9o Ciclo de Debates sobre Jornalismo. UniBrasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis. Ed. Vozes, 12ª edição, 261 p., 2011.

WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Katryn Woodward. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** Editora UNISINOS. Tradução Vanise Dresch. São Leopoldo, 286 p., 2004.